

# ATO FINAL: OS ÚLTIMOS MOMENTOS DO GOVERNO VARGAS (1954) PELOS JORNAIS O ESTADO DE S. PAULO (OESP) E ULTIMA HORA (UH)

Thiago Fidelis<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar como duas publicações, a folha paulista *O Estado de S. Paulo* (OESP) e o diário carioca *Ultima Hora* (UH), retrataram os últimos momentos do governo Vargas, fazendo um recorte mais preciso entre o atentado contra o jornalista Carlos Lacerda e o major da Aeronáutica Rubens Vaz, em 05 de agosto de 1954, e a morte do presidente, no dia 24 do mesmo mês. Com uma análise descritiva em relação ao conteúdo dos jornais, indicamos como conclusão que os jornais estiveram em campos opostos, procurando defender suas perspectivas: OESP com uma intensa crítica contra Vargas, apontando-o como o grande problema da política brasileira no período, enquanto que a UH esforçou-se em construir a imagem do presidente de maneira extremamente positiva, colocando-o como o grande nome da história

---

<sup>1</sup> Thiago Fidelis é possui graduação em História pela UNESP/Franca e em Ciências Sociais pela UNESP. É Mestre em História pela UNESP; Doutor em Ciências Sociais pela UNESP e Universidade de Coimbra (Portugal); Atualmente desenvolve pesquisa de Doutorado em História pela UNESP. Atua como docente na Graduação e Pós-Graduação na UNILAGO e IMES/Catanduva. E-mail: <fidelisrp@gmail.com>.

da política brasileira, fator ainda mais evidenciado após sua trágica morte.

**Palavras-chave:** O Estado de S. Paulo. Última Hora. Getúlio Vargas. Atentado da Rua Tonelero.

**FINAL ACT: THE LAST MOMENTS OF  
VARGAS'S GOVERNMENT (1954)  
ACCORDING TO THE NEWSPAPERS *O  
ESTADO DE S. PAULO* (OESP) AND *ULTIMA  
HORA* (UH)**

**Abstract:** The main purpose of this article is to analyze how two different newspapers: *O Estado de S. Paulo* (OESP), from São Paulo; and *Última Hora* (UH), from Rio de Janeiro, profiled the last moments of Vargas's government, by promoting a temporal cut, from the assault against the journalist Carlos Lacerda and the Air Force Commander Rubens Vaz, in August, 5th, 1954, to the president's suicide, in August, 24th. This article has a descriptive analysis by the newspapers, and we indicate as conclusion that the newspapers were in opposite camps, seeking to defend their perspectives: OESP with a intense critical against Vargas, pointing it like the biggest problem of the political of the Brazil in that moment, while the UH endeavored to build the president's image in a positive way, putting it as the great

name of the Brazilian political history, factor still more evidenced after his tragical death.

**Keywords:** O Estado de S. Paulo. Última Hora. Getúlio Vargas. Assaulton Rua Tonelero.

### ***Introdução***

A escolha dos dois jornais como objeto de estudo é baseada em uma perspectiva comparativa, uma vez que OESP era o jornal de maior circulação de São Paulo e seu diretor, Júlio de Mesquita Filho, um ferrenho opositor de todo e qualquer princípio ligado à Vargas<sup>2</sup>; já a UH foi criada, em 1951, para ser um espaço dentro do campo jornalístico de defesa à linha de ação do presidente<sup>3</sup>, uma vez que grande parte da imprensa, sobretudo no Rio de Janeiro, era opositora aos seus atos. Assim, ao confrontar duas perspectivas distintas, o artigo demonstrará como os discursos na imprensa, sobre um mesmo assunto, podem conter abordagens completamente distintas, tendo em vista os interesses difusos que perpassam pelas pessoas que controlam a produção da informação.

Na madrugada do dia 05 de agosto, no Rio de Janeiro, Carlos Lacerda voltava do Colégio São José, onde havia participado de um comício, uma vez que estava tentando uma vaga na Câmara Federal. Devido aos inúmeros ataques feitos a várias pessoas, principalmente através dos editoriais de seu jornal, o *Tribuna da Imprensa* (TI),

---

<sup>2</sup> SALONE, Roberto. *Irredutivelmente liberal: política e cultura na trajetória de Júlio de Mesquita Filho*. Rio de Janeiro: Albatroz Editora, 2009.

<sup>3</sup> WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. Rio de Janeiro: Record, 1988.

Lacerda colecionava inimigos e, por temer atentados contra sua própria vida, andava sempre armado e com, pelo menos, um segurança. Nessa madrugada, estava acompanhado de um major da Aeronáutica, Rubens Florentino Vaz, e de seu filho mais velho, Sérgio<sup>4</sup>.

Várias versões, ao longo desses mais de 60 anos, foram dadas para os acontecimentos daquela madrugada. Alguns aspectos não foram esclarecidos até os dias atuais (MENDONÇA, 2002, p. 147-151)<sup>5</sup>, uma vez que inúmeros pontos ficaram sem explicações plausíveis. Entretanto, pode-se dizer que, em linhas gerais, ao chegar à Rua Tonelero, em Copacabana, Lacerda e o filho se despediram do major e encaminharam-se para a entrada do edifício onde moravam. Saíram do carro e iam para a entrada principal do prédio, quando o jornalista teria percebido que esquecera a chave, tendo acesso apenas à garagem. Junto com o filho, caminhou rumo ao portão ao qual tinha acesso, um pouco mais distante de onde o carro estava parado.

Segundo palavras do próprio dono da TI, quando se preparava para abrir o portão da garagem, virou-se em direção do carro para despedir-se de Vaz e notou um homem aproximando-se do veículo.

---

<sup>4</sup> DULLES, John W. F. *Carlos Lacerda: a vida de um lutador*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, p. 175-177.

<sup>5</sup> MENDONÇA, Marina G. *O demolidor de presidentes*. 2ªed. São Paulo: Códex, 2002, p. 147-151. Há muitas contestações à versão oficial, estruturada pelo próprio Lacerda, uma vez que foi questionado o fato de que um tiro no pé teria causado apenas um ferimento superficial (o ferido saiu do hospital com o pé enfaixado), sendo que a arma de Calibre 45 era bastante potente. Além disso, o jornalista nunca permitiu que sua arma fosse analisada, assim como vários indícios que não teriam sido esclarecidos e, por conta da gigantesca consequência política, não foram investigados de maneira devida. No entanto, para efeito da análise realizada nesse artigo, foi feita uma restrição relacionada à versão oficial e sua repercussão nos jornais, uma vez que foram esses fatores que influenciaram nos acontecimentos políticos da época.

Embora tenha achado estranha a movimentação, não teria tido tempo para dizer ou fazer algo, pois esse senhor, que se movera rumo ao automóvel, sacou um revólver e passou a atirar. Em um primeiro momento, Lacerda não percebera do que se tratava de fato, tendo apenas impulso para puxar sua arma. No entanto, seu filho agarrou-se a ele com medo e, embora tenha tentado desvencilhar-se de Sérgio, não conseguiu fazê-lo, além de sentir uma dor exorbitante no pé esquerdo, que em instantes percebeu banhado em sangue<sup>6</sup>.

Conseguiu entrar na garagem e abrigou o filho no prédio, voltando para a entrada. Avistou novamente o homem que tinha atirado e, trêmulo, disparou várias vezes em direção ao local onde esse senhor estava. Ele entrou em um carro e fugiu. Ao virar-se para o carro no qual havia chegado em casa, Lacerda viu um corpo estendido no chão e arrastou-se até o local, confirmando sua primeira impressão: era o major Vaz, com o peito todo manchado de vermelho e agonizante<sup>7</sup>. Gritando para o filho chamar a polícia, logo começaram a chegar pessoas para averiguar o ocorrido e um vizinho prontificou-se a levá-los ao hospital Miguel Couto.

Vaz chegou já morto ao hospital e Lacerda, embora desorientado emocionalmente, não corria risco de morte. Pouco mais de uma hora após a ocorrência, o jornalista voltou ao seu apartamento e a entrada do prédio estava cheia de pessoas, desde curiosos até

---

<sup>6</sup> LACERDA, Carlos. *Depoimento*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1978, p. 133.

<sup>7</sup> DULLES, op. cit., p. 177.

inúmeros policiais, jornalistas e vários políticos para se inteirarem sobre o ocorrido<sup>8</sup>.

Esse ato, como já esperado, causou um terremoto sem precedentes no já fragilizado governo Vargas<sup>9</sup>. Na edição do mesmo dia da TI, Lacerda fizera um texto furioso contra os homicidas e, mesmo sem a investigação do caso ter começado concretamente, já registrara linhas certeiras contra o grande culpado pela ocorrência, ao seu ver:

RUBENS Florentino Vaz, herói do Correio Aéreo Nacional, pai de quatro crianças, caiu esta noite a meu lado. Meu próprio filho correu, com êle, o risco a que estão sujeitos os brasileiros entregues a um regime de corrupção e de terror (...) Hoje, que mais posso dizer? A visão de Rubens Vaz na rua, com duas balas à queima-roupa; a viagem interminável que fiz com êle até o Hospital, vendo-o morrer nos meus braços, impede-me de analisar a frio, neste momento, a hedionda emboscada desta noite (...) Mas, perante Deus, acuso um só homem como responsável por êsse crime. É o protetor dos ladrões, cuja impunidade lhes dá audácia para atos como o desta noite (...) Êsse homem chama-se Getúlio Vargas (...) Êle é o responsável intelectual por êsse crime. Foi a sua proteção; foi a covardia dos que acobertaram os crimes dos seus asseclas que armou de audácia os bandidos (...)<sup>10</sup>.

### ***A repercussão na imprensa: OESP e UH***

Rapidamente a imprensa repercutiu o caso. Na data do incidente, OESP publicou uma breve nota sobre o caso (por ser

---

<sup>8</sup> MENDONÇA, op. cit., p. 148.

<sup>9</sup> D'ARAÚJO, Maria C. S. *O segundo governo Vargas 1951-1954: democracia, partidos e crise política*. 2º ed. São Paulo: Ática, 1992 (Série Fundamentos; 90).

<sup>10</sup> TI, *O sangue de um inocente*, 05/08/1954

matutino, o texto foi feito bem rapidamente, sem grande destaque no caderno principal) e a UH trouxe como manchete o acontecimento, limitando-se a descrever os fatos e com fotos tanto do corpo de Vaz como de Lacerda hospitalizado.

No mesmo dia do atentado, no meio da madrugada, o motorista do táxi envolvido no caso, Nelson Raimundo Corrêa, procurou a polícia para falar o que sabia sobre a situação. Embora alegasse não saber o que os passageiros estariam fazendo, ficou detido para mais averiguações e para o acesso a possíveis novas informações, sendo que uma das primeiras levantadas foi de extrema importância para a resolução do caso: o ponto no qual o motorista trabalhava era muito próximo ao Palácio do Catete, levantando suspeitas de que alguém ligado ao Executivo pudesse ter algum envolvimento naquela situação<sup>11</sup>.

Em editorial do dia 06 de agosto, OESP reforçou a tese de Lacerda de que, independentemente de quem fosse o mandante do crime, Vargas seria o grande responsável pelo acontecimento, uma vez que teria sido complacente com vários casos de violência exercidas e levava o país ao caos completo, sendo esse atentado o ponto culminante de toda a desordem reinante no Brasil:

Esse atentado, expressão de costumes sertanejos em pleno coração da capital do Brasil, mostra que, ao lado da desmoralização que o governo introduziu no País, cresce a insegurança pessoal. Quem se atreve a criticar as proezas dos familiares do Catete e os abusos do sr. presidente da

---

<sup>11</sup> MENDONÇA, op. cit., p. 152-153.

Republica está sujeito a golpes dessa natureza (...) Começa, dessa maneira, a expandir-se, na capital do Brasil, o cangaceirismo político (...) O regime de terror que a gente do governo procura estabelecer no País, numa ditadura disfarçada, tem que ser eliminado no nascedouro. Nenhum cidadão é caça inerte dos bandidos ao serviço da gente nefasta e covarde que, depois de explorar largamente os recursos financeiros do País, tenta fazer calar todas as bocas, em condições de lhes proclamar as torpezas (...) <sup>12</sup>.

Em várias páginas do jornal paulista houve destaque para o acontecimento e, em praticamente todos os textos, Vargas sempre foi apontado como o grande culpado. OESP passou a indicar a intolerância dos homens do governo contra seus opositores, além de dar grande destaque para declarações de Eduardo Gomes, indicando que havia grande agitação entre membros da Aeronáutica e que todos os membros esperavam uma ação enérgica da polícia para solucionar o caso, pois, se isso não acontecesse, agiriam por conta própria para encontrar os culpados <sup>13</sup>.

Na edição do mesmo dia da UH, o diário carioca também dedicou várias páginas à ocorrência, embora sob um espectro distinto. Também condenando veementemente o ataque, passou a defender o governo e indicar que Vargas e os membros de sua equipe nada tinham a ver com o caso. A capa do jornal trazia uma declaração em destaque de Lutero Vargas, declarando que “Enquanto Meu Pai Fôr Presidente da República, Eu me Empenharei Para Que Carlos Lacerda Não Sofra Qualquer Atentado” <sup>14</sup>, indicando que todo o governo

---

<sup>12</sup> OESP, *Surto de Banditismo*, 06/08/1954.

<sup>13</sup> OESP, *O MOMENTO POLÍTICO*, 06/08/1954.

<sup>14</sup> UH, 06/08/1954.



lamentava pela ocorrência e que estava empenhado em encontrar tanto os executores como os mandantes do crime.

Além disso, o jornal deu grande destaque para a defesa feita por Gustavo Capanema ao governo na Câmara, repassando mensagens condenando o ataque e dando todas as garantias de que o crime seria solucionado. Um trecho significativo desse diálogo, embora não registrado nos anais (e destacado pelo periódico paulista), daria o tom da situação: Vargas teria dito que as balas que mataram Vaz também o atingiram e que, se até outrora considerava Lacerda como seu inimigo número um, agora esse posto era ocupado pelo mandante do crime<sup>15</sup>.

O diretor da UH, Samuel Wainer admitiu que fez o que pôde para não associar o caso à figura direta de Vargas, mas que a conjuntura acabou sendo mais forte, evidenciando envolvimento do presidente, seja por participação efetiva ou por omissão, já que foi ficando cada vez mais claro que pessoas próximas a ele estariam envolvidas no caso<sup>16</sup>.

O depoimento de Nelson Raimundo Corrêa foi significativo para o andamento do caso. Registrado em 07 de agosto, o motorista admitiu que conhecia um dos passageiros, identificando-o como Climério. Esse passageiro logo foi identificado como Climério Euribes de Almeida, antigo empregado e integrante da guarda pessoal de Vargas, além de homem muito próximo do chefe desse grupo e guarda-costas do presidente, Gregório Fortunato.

---

<sup>15</sup> OESP, *DA MAIOR GRAVIDADE O DESCONTENTAMENTO DAS CLASSES POPULARES COM O GOVERNO*, 07/08/1954

<sup>16</sup> WAINER, op. cit., p. 200-201.

A associação aumentou ainda mais o grau de fervura da situação, já que esse depoimento confirmava, de certa forma, as indicações dos jornais oposicionistas de que elementos ligados a Vargas estariam por trás do ataque realizado em Copacabana. A UH, na capa do dia seguinte, trouxe como manchete *DESVIA-SE PARA CAXIAS O CÊRCO DA POLÍCIA!*, indicando que o chefe de Polícia tinha sido substituído e que Vargas estava extremamente empenhado nas buscas nos nomes envolvidos, reunindo vários ministros madrugada adentro para solucionar o caso. Além disso, trouxe uma declaração do chefe do Gabinete Militar, Caiado de Castro, afirmando que não havia ninguém da guarda pessoal de Vargas envolvido no caso (notícia essa que o próprio jornal acabou desmentindo na capa, demonstrando que algumas informações se encontravam desencontradas na defesa de Vargas)<sup>17</sup>.

Após continuar com as críticas intensas ao presidente, OESP pediu formalmente ao mandatário brasileiro, em editorial, para entregar o cargo ao vice-presidente<sup>18</sup>. Na mesma edição, o jornal paulista destacou a dissolução da guarda presidencial, com nota publicada por Caiado de Castro indicando que, pelas suspeitas que recaíam sobre esse grupo, Vargas dava por encerrada suas atividades até que tudo se esclarecesse. Para o jornal paulista, tal ponto era, como já enfatizado, uma assunção de culpa por parte do político gaúcho, frisando novamente que somente sua saída seria a solução para toda a situação posta:

---

<sup>17</sup> UH, *Não São da Guarda Pessoal*, 09/08/1954.

<sup>18</sup> OESP, *Posição insustentável*, 10/08/1954.

Difícil, senão insustentável, é, perante o povo brasileiro, a posição em que se encontra o sr. presidente da República. Do seio da sua família saiu, há pouco tempo, um dos protagonistas dos escândalos do Banco do Brasil; do seio da sua guarda pessoal saem, agora, os agressores do jornalista Carlos Lacerda e os assassinos do major da Aeronáutica Rubens Vaz. A presença de s. exa. no Catete foi que facilitou aqueles escândalos e estes crimes (...) O remédio para a situação pessoal de s. exa. está na própria Carta Constitucional: é entregar o governo ao vice-presidente da República<sup>19</sup>.

Nessa mesma data, tanto o jornal paulista quanto o carioca deram ênfase à áspera discussão entre Zenóbio da Costa e Nero Moura em uma reunião ministerial dois dias antes, indicando que a Aeronáutica se voltava contra o governo por cobrar celeridade nas investigações, além da ameaça de vários membros da baixa patente dessa ordem a rebelarem-se contra a polícia e de organizarem seu próprio inquérito (posição defendida, inclusive, pelo periódico de Júlio de Mesquita Filho). Em linhas gerais, o ministro da Guerra acusava o representante da Aeronáutica de ser conivente com a situação ou de ter perdido o controle da situação, ao posto que esse indicava que fazia o possível perante a situação de comoção posta<sup>20</sup>.

Em relação à apuração do caso, ainda segundo as declarações do motorista Nelson Rubens Corrêa, Climério não teria agido sozinho, sendo que havia mais uma pessoa com ele (no caso, essa pessoa era desconhecida). A UH deu grande destaque às declarações, indicando

---

<sup>19</sup> OESP, *Posição insustentável*, 10/08/1954.

<sup>20</sup> OESP, *O MOMENTO POLÍTICO*, 10/08/1954.

que esse segundo homem seria José Antônio Soares e que estaria sendo procurado, em conjunto, com o membro da guarda de Getúlio<sup>21</sup>. No entanto, em um primeiro momento essa participação não ficou clara, pois muitas informações eram desconstruídas e contraditórias, sem muita clareza para os leitores de ambos os jornais sobre o que se estava investigando de fato.

No dia 12 de agosto, no editorial *A gravidade da situação*, OESP criticou a lentidão das investigações da Polícia e passou a defender, novamente, que a Aeronáutica tomasse a frente nas investigações, uma vez que teria mais competência e isenção para tal<sup>22</sup>. Na mesma edição, o jornal paulista indicou que a sessão no Senado do dia anterior fora encerrada por uma manifestação popular nas escadarias do Palácio Monroe, que pedia a saída de Vargas, Zenóbio e Nero Moura<sup>23</sup>.

Além disso, alguns tenentes e brigadeiros foram presos por quebra de hierarquia, tornando público que a situação nas Forças Armadas ficava cada vez mais insustentável<sup>24</sup>. Em suas páginas, no entanto, o jornal carioca procurou desqualificar tais atos, pedindo para a população tomar cuidado com movimentações subversivas de um pequeno grupo que queria trazer desestabilidade para o país, deixando-o à beira do caos<sup>25</sup>.

---

<sup>21</sup> UH, “Soares, um Pistoleiro de Caxias, Teria Sido o Autor Dos Disparos”, 10/08/1954.

<sup>22</sup> OESP, *A gravidade da situação*, 12/08/1954.

<sup>23</sup> OESP, *O MOMENTO POLITICO*, 12/08/1954.

<sup>24</sup> UH, *PRESOS UM BRIGADEIRO E DOIS TENENTES-CORONÉIS*, 12/08/1954.

<sup>25</sup> UH, *Reação Contra a Ditadura da Desordem!*, 12/08/1954.

Nessa mesma data, Gregório Fortunato prestou depoimento e apontou Caiado de Castro como participante no processo<sup>26</sup>. Após saber do assassinato, teria tentado facilitar a fuga dos envolvidos no crime (num primeiro momento, o chefe da Casa Militar não se pronunciou sobre tal acusação). Concomitantemente ao depoimento, Vargas viajou para Belo Horizonte para a inauguração de novas usinas siderúrgicas e, em seu discurso, após fazer um extenso relato das atividades feitas em conjunto com o governo de Minas Gerais para o benefício do estado (o governador, Juscelino Kubitschek, já era apontado como um possível candidato à sucessão do presidente), aproveitou a ocasião para pronunciar-se em relação aos acontecimentos, pregando novamente a ordem e dizendo que não atenderia aos apelos para sua renúncia, indicando que ficaria no governo até o fim:

Povo de Minas Gerais, as minhas preocupações com o bem público não me deixam fugir do dever, onde quer que tenha de ser cumprido. E eu o cumprirei até o fim (...) Espalhando o gérmen da discórdia, procurando subverter a força e o prestígio da autoridade, falseando os fatos e fantasiando as intenções, há um propósito de gerar a confusão pela mentira, para levar o país à desordem, ao caos e à anarquia. As classes armadas, sobre as quais repousa o sossego e a tranquilidade da nação, manterão a ordem e assegurarão o pleno exercício das instituições democráticas; a Justiça cumprirá o seu dever com independência; e o povo, nas próximas eleições, manifestará livremente a sua vontade (...) As injúrias que me lançam, as pedras que me atiram, a objurgatória, a mentira e a calúnia não conseguirão abater o meu ânimo, perturbar a minha serenidade nem me afastar dos princípios de amor e humildade cristã por que norteio a

---

<sup>26</sup> DULLES, op. cit., p. 181.

minha vida e que me fazem esquecer os agravos e perdoar as injustiças (...) <sup>27</sup>.

O confronto entre as versões dos jornais atingia um limite extremo, com uma disputa cada vez mais intensa: de um lado, OESP defendia a saída imediata de Vargas e que a maioria da população brasileira pensava também dessa forma, indicando a declaração de vários órgãos, membros do Congresso e de entidades civis que defendiam essa ideia, como um grupo de advogados de São Paulo e ex-combatentes de 32, entre outros <sup>28</sup>.

De outro lado, a UH declarava que o presidente ainda tinha plena autoridade e que era ele quem “mandava” no país, e estava se esforçando para manter a ordem, indicando vários outros acontecimentos enquanto ocorria a crise política (o jornal, novamente, intensificou a ênfase nas notícias sobre as inaugurações em Belo Horizonte, assim como outros acontecimentos de rotina e, por fim, projetos para os próximos meses do Executivo), focando na perspectiva de que o Brasil não havia parado <sup>29</sup>.

As táticas adotadas pelas publicações mantinham o tom altamente discrepante: com uma postura bastante ofensiva, o jornal paulista procurou levar o político gaúcho à lona, visualizando na sua saída a única forma de resolver o problema do país. Já o diário carioca, na defensiva, buscou demonstrar que os últimos

---

<sup>27</sup> D'ARAÚJO, Maria C. S. (org). *Getúlio Vargas*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011 (Série perfis parlamentares; n. 62), p. 770.

<sup>28</sup> OESP, *Numa impressionante unanimidade, o povo de São Paulo exige a renúncia do Sr. Getúlio Vargas*, 24/08/1954.

<sup>29</sup> UH, *MELHORIA DE 15 E 25% PARA OS FERROVIÁRIOS*, 18/08/1954.

acontecimentos eram fatos que poderiam acontecer em quaisquer momentos e com outros mandatários, mas que a estrutura política continuava funcionando bem, apesar de grande mobilização da oposição para desestabilizar o governo e a própria democracia.

As culturas políticas entraram em um confronto intenso, no qual uma delas buscava, em linhas gerais, a exclusão da outra do campo da política institucional, incitando os poderes instituídos a lançar uma insurreição contra o mandatário, que teria sido responsável por tentar eliminar (literalmente) um dos agentes do grupo acusatório. E, cada vez mais, o campo jornalístico promovia uma interseção com o campo político, já que a principal personagem de todo o processo, Carlos Lacerda, era um jornalista que causara, mais que qualquer político, um intenso estrondo no governo, utilizando a TI como principal meio contra Vargas e, conseqüentemente, contra a UH:

Reconhece-se a presença ou existência de um agente em um campo pelo fato de que ele transforma o estado do campo. A resposta é simples: reconhece-se a presença ou existência de um agente em um campo pelo fato de que ele transforma o estado do campo (ou que, se o retirarmos, as coisas se modificam significativamente) (...) A política é uma luta em prol de ideias, mas um tipo de ideias absolutamente particular, a saber, as ideias-força, ideias que dão força ao funcionar como força de mobilização. Se o princípio da divisão que eu proponho for reconhecido por todos, se meu *nomos* se tornar o *nomos* universal, se todos virem o mundo como eu o vejo, terei atrás de mim toda a força das pessoas que compartilham minha visão (...) <sup>30</sup>.

---

<sup>30</sup> BOURDIEU, Pierre. *O campo político*. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 5. Brasília, janeiro-julho de 2011, p. 201-203.

Enquanto Vargas estava em Minas Gerais, vários membros da Aeronáutica já tinham se rebelado contra as ordens vindas do Ministério, e acusavam os responsáveis pelas investigações na Polícia de retardarem seu andamento, fazendo com que as coisas “esfriassem” e que os assassinos não fossem encontrados (ou, se demorassem a ser localizados, poderiam ser julgados com menos rigor). Assim, a partir do dia 12, fora criado um novo grupo para averiguar o caso, formando-se um Inquérito Policial Militar, que levaria à frente as investigações referentes ao caso. Autorizado por Nero Moura (fato que teria sido feito com a anuência de Vargas), foram dadas como justificativas o fato de um major ter sido assassinado, além de que o armamento utilizado também era de uso exclusivo dos militares. Por conta da excepcionalidade do caso, toda a movimentação a partir daquele momento seria ligada diretamente à Aeronáutica, com a colaboração dos outros poderes<sup>31</sup>.

Por ser um inquérito de caráter militar, as informações passaram a não ser mais divulgadas, o que gerou muitas críticas (principalmente da UH), passando a movimentação a ser conhecida, pejorativamente, como a República do Galeão (a base da Aeronáutica ficava nessa região, no Rio de Janeiro), já que as coisas que aconteciam lá não eram acessíveis e nem o próprio Executivo estaria tendo acesso ao cotidiano do local, uma vez que era parte investigada<sup>32</sup> (DULLES, 1992, p. 181).

---

<sup>31</sup> MOURA, Nero. *Um voo na história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996, p. 284.

<sup>32</sup> DULLES, op. cit., p. 181.



No dia 13 de agosto, foi preso Alcino João do Nascimento, considerado pelas declarações já colhidas como o autor dos disparos, de fato. Com amplo destaque no OESP, esse aspecto trouxe nova luz ao caso, embora com poucas informações disponíveis, mas decisivas: o homem envolvido teria admitido os tiros contra Lacerda e Vaz, indicando que a ideia era, de fato, acertar o pé do jornalista para “dar um susto” e, no caso do major, o ato teria sido necessário apenas por achar que ele estivesse armado e que reagiria. Além das afirmações, também indicou que o mandante principal fora Lutero Vargas, uma vez que o filho do presidente teria grande interesse em eliminar o principal inimigo do pai<sup>33</sup>.

Devido às intensas acusações de ser mandante, Lutero Vargas decidiu procurar os militares para prestar esclarecimentos, declarando-se inocente. O jornal paulista ironizou a atitude, dizendo que o deputado só agira daquela forma após a denúncia de Alcino, questionando o porquê de o filho do presidente não ter tomado tal atitude logo no início das investigações<sup>34</sup>. No entanto, o jornal carioca deu grande destaque ao fato, estampando na capa da edição do dia 16 de agosto uma foto do acusado de ser o mandante do crime, além de pequenas falas, indicando que não tinha nada a temer e que estava disposto a esclarecer todos os pontos levantados pelos acusadores<sup>35</sup>.

---

<sup>33</sup> OESP, *CONFISSÃO COMPLETA DO ASSASSINO DO MAJOR RUBENS FLORENTINO VAZ*, 15/08/1954.

<sup>34</sup> OESP, *CONFISSÃO COMPLETA DO ASSASSINO DO MAJOR RUBENS FLORENTINO VAZ*, 15/08/1954.

<sup>35</sup> UH, *NENHUMA ACUSAÇÃO DIRETA A LUTERO VARGAS*, 16/08/1954.

No dia seguinte, Climério foi capturado no interior do Rio de Janeiro, causando grande sensação pela expectativa da resolução do caso. A UH estruturou toda sua capa em cima do fato, colocando como manchete da edição do dia 17 de agosto: *CLIMÉRIO RENDEU-SE: SERIA METRALHADO SE RESISTISSE AO CÊRCO*, com a capa recheada de imagens da “caçada” a um dos principais nomes indicados como envolvido no atentado.

Nessa data, o jornal paulista destacou declarações do ex-presidente Eurico Gaspar Dutra, colocando-se a favor da renúncia do presidente (embora a notícia já viesse sendo vinculada há algum tempo), além de indicar a saída de Nero Moura<sup>36</sup>. Mesmo com todos os envolvidos presos na base do Galeão, o ministro não conseguia mais controlar os acontecimentos e possuía poucas informações das ocorrências<sup>37</sup>, sendo que OESP indicou que sua demissão já ocorrera há 12 dias, com o atentado em si.

A UH limitou-se a noticiar o fato, não problematizando as consequências do ato, indicando que seu sucessor seria o Brigadeiro Althayr Eugênio Rozsanyi<sup>38</sup>. No entanto, quem assumiu o ministério foi Epaminondas Gomes dos Santos, causando protestos do periódico de São Paulo, uma vez que ele não mantinha boas relações com Eduardo Gomes e não era uma liderança de destaque entre os membros da Aeronáutica<sup>39</sup>.

---

<sup>36</sup> OESP, *O MOMENTO POLITICO*, 17/08/1954.

<sup>37</sup> MOURA, op. cit., p. 291.

<sup>38</sup> UH, *DEIXA O MINISTÉRIO O BRIGADEIRO NERO MOURA*, 17/08/1954.

<sup>39</sup> OESP, *O MOMENTO POLITICO*, 19/08/1954.

Mesmo com um grande esquema de proteção na base do Galeão, várias notícias vinham à tona e os jornais exploraram isso com bastante habilidade, cada um a seu modo. No dia 18, João Valente de Sousa (um dos membros presos, em conjunto com José Antônio Soares, Alcino, Climério e o próprio Gregório Fortunato) prestou depoimento e confessou envolvimento no caso, indicando que o guarda-costas de Vargas tentou, de fato, facilitar a fuga de Climério e que Caiado de Castro sabia de todas essas informações.

O jornal paulista divulgou vários trechos do depoimento na edição do dia 19<sup>40</sup>, enquanto que o diário carioca não repercutiu sobre essas declarações, focando em falas do responsável pelo inquérito, tenente João Adil de Oliveira, indicando não haver ainda elementos para incriminar ninguém como mandante, mas que existiam fortes indícios de que o ex-chefe da Guarda pessoal do presidente fosse, de fato, o principal organizador do processo, além de descartar o envolvimento de Lutero Vargas no caso<sup>41</sup>.

No dia seguinte, OESP divulgou detalhes do depoimento de Alcino. Segundo o periódico, ele confessara ter atirado nos dois que sofreram o atentado, além de ter esmiuçado todo o processo, declarando que teria sido contratado por Soares, a pedido de Climério que, por sua vez, tinha sido contratado por Gregório. Embora não tivesse acesso às informações mais detalhadas, o depoente indicou ouvir algumas vezes o nome de Lutero e interpretou, a partir dessas

---

<sup>40</sup> OESP, *DIVULGADA A CONFISSÃO DE UM DOS PISTOLEIROS*, 19/08/1954.

<sup>41</sup> UH, *Primeiras Fotos Dos Pistoleiros!*, 19/08/1954.

evidências, que o filho de Vargas era o responsável por todo o processo desencadeado<sup>42</sup>.

Enquanto OESP empenhava-se em aprofundar, ao máximo, os fatos contra o Executivo e mobilizava-se para a saída do presidente, a UH esforçava-se, na outra ponta, para salvaguardar a figura de Vargas. Além de demonstrar várias declarações em defesa de Lutero Vargas, o jornal carioca continuou a tática de intercalar o noticiário político com outros temas e com ocorrências e acontecimentos sociais (relembrando a crise do café e do abastecimento de carne, a falta de água no Rio de Janeiro e as movimentações de esporte, cujas coberturas haviam diminuído sensivelmente em outros jornais), na tentativa de construir e/ou causar a sensação de que o país continuava a caminhar normalmente, mesmo com a série de fatos que vinha ocorrendo.

A cada depoimento que era divulgado, a situação ficava mais complexa. Todos que se pronunciavam eram próximos de Gregório e indicavam seus métodos de ação, detalhando que ele mantinha altas somas de dinheiro guardadas em sua sala e negociava com vários grupos, aspectos que iam desde jogos ilegais até perseguições e assassinatos, além de indicar que Lacerda já vinha sendo vigiado há algum tempo e que sua morte já era para ter acontecido anteriormente, entre outros inúmeros apontamentos<sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> OESP, *Minucioso depoimento do autor dos disparos contra o maj. Vaz incrimina o sr. Lutero Vargas*, 20/08/1954.

<sup>43</sup> SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930 a 1964)*. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 177-178.

Diante dessa perspectiva, Vargas teria pronunciado a seguinte expressão: “Tenho a impressão de me encontrar sôbre um mar de lama”<sup>44</sup>, sendo que o termo exposto já era utilizado, pelos membros da Banda da UDN, para referir-se aos casos de corrupção do mandato presidencial<sup>45</sup>.

O jornal paulista demonstrava-se cada vez mais escandalizado, fortalecendo ainda mais o discurso de que o presidente, muito provavelmente, não estava envolvido diretamente no acontecimento, mas por toda a movimentação ter acontecido no mesmo local onde ele residia e trabalhava e por não ter percebido (ou por não querer perceber) todos os pontos estruturados, merecia ser afastado do cargo. O editorial *A renuncia do presidente*, da edição do dia 22 de agosto, trouxe o texto mais incisivo do OESP em relação à saída do político gaúcho do cargo máximo do Executivo:

Para as dificuldades, criadas pelos seus capangas e pela sua família, dificuldades que lhe tornam impossível o exercício das funções governamentais, o sr. presidente da Republica só tem uma solução: a renuncia ao cargo. Não é possível que s. exa.se considere ainda com autoridade suficiente para desempenhar aquelas funções, quando já se provou irrefutavelmente que foi combinada no Catete com a gente da sua guarda o assalto de que resultou a morte de um oficial da Aeronautica e ferimentos no jornalista Carlos Lacerda, e que dessa guarda saíram os recursos necessarios para os criminosos tentarem a fuga (...) A desmoralização do presidente como homem e como chefe da Nação foi, até agora, o primeiro resultado do inquerito de que as forças da

---

<sup>44</sup> ZENHA MACHADO, Francisco. *OS ÚLTIMOS DIAS DO GOVÉRNO VARGAS (A CRISE POLÍTICA DE AGÓSTO DE 1954)*. Rio de Janeiro: Editora Lux, 1955, p. 60.

<sup>45</sup> BENEVIDES, Maria V. *A UDN e o udenismo: Ambiguidades do liberalismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 89.

Aeronautica se encarregaram para a descoberta dos sicarios que abateram covardemente, cruelmente, um dos mais distintos oficiais daquela corporação (...) Um cidadão desmoralizado, intimo e protetor de assassinos e ladrões, não pode exercer as funções de presidente de uma republica da grandeza e da civilização da Republica brasileira (...)<sup>46</sup>.

Como contraponto, o jornal carioca fez uma forte crítica à mídia em geral (tanto os impressos como as estações de rádio), indicando a impiedosa campanha que a imprensa vinha fazendo contra o presidente e à estabilidade no país e, na visão do periódico carioca, tal movimentação não estaria dando certo, já que o povo continuava ao lado de Vargas contra essa campanha<sup>47</sup>.

Partindo dessas duas publicações, notava-se que, de fato, existia uma situação de inflexão política gravíssima, a tal ponto de o país estar praticamente dividido. Em linhas gerais, é importante pensar a enorme influência da imprensa em todo esse processo, já que se chamava a atenção para o fato, em ambos os diários, de que os acontecimentos políticos estavam imbricados com as movimentações dos meios midiáticos. Tanto é que a maior crise governamental iniciara exatamente com uma CPI para averiguar transações irregulares do governo para a composição de um jornal<sup>48</sup>, além de que o principal opositor de Vargas não estava nos quadros políticos institucionais, mas sim entre jornalistas e que o levara ao maior ponto de inflexão de seu governo e de sua vida política ao perceber que

---

<sup>46</sup> OESP, *A renuncia do presidente*, 22/08/1954.

<sup>47</sup> UH, *O Povo Que Êles Mobilizam*, 23/08/1954.

<sup>48</sup> D'ARAÚJO, 1992, op. cit.

peças de sua confiança haviam tomado decisões equivocadas para protegê-lo, acabando por atacá-lo ainda mais.

Como salientado por ABREU<sup>49</sup>, os jornalistas (e pode-se pensar, por extensão, o jornal em si) “são ao mesmo tempo testemunhas e atores e, na maior parte das vezes, porta-vozes de partidos políticos, de organizações e de interesses”<sup>50</sup>. Embora ambos os jornais não fossem partidários, exerceram funções, nesse contexto, muito próximas dessa ideia, sendo que defenderam os interesses de culturas políticas distintas, tendo ações importantes na esfera pública, demonstrando não somente serem canais de informação, mas sim meios de formação, já que suas proposições eram bastante concretas.

No dia 22, de maneira similar ao Manifesto dos Coronéis, membros da Aeronáutica fizeram também um documento e encaminharam a Vargas, pedindo sua renúncia (documento esse assinado por membros da alta patente como Eduardo Gomes, Humberto de Alencar Castelo Branco e Henrique Fleuiss), à revelia do ministro, da Marinha e do Exército<sup>51</sup>. Além disso, em reunião do Senado no dia 23, Café Filho utilizou a tribuna<sup>52</sup> para ler um discurso em que, formalmente, rompia com o presidente. Nessa fala, o vice-presidente indicou que, no fim de semana (mais especificamente no sábado, dia 21), tinha proposto a Vargas uma renúncia em conjunto,

---

<sup>49</sup> ABREU, Alzira Alves de (org.). *Imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

<sup>50</sup> ABREU, op. cit., p. 9.

<sup>51</sup> SINTONI, Evaldo. *Em busca do inimigo perdido: construção da democracia e imaginário militar no Brasil (1930-1964)*. Araraquara: FCL/Laboratório Editorial/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 1999 (Coleção Ciências Sociais), p. 89.

<sup>52</sup> Conforme a Constituição de 1946, no Artigo 61, o vice-presidente eleito da república também acumulava a função de presidente do Senado (BRASIL, 1946).

sendo que ambos deixariam seus cargos e o Congresso elegeria um novo representante, que governaria até o fim do mandato<sup>53</sup>.

Entretanto Vargas teria hesitado e, após ter pedido um tempo para pensar, recusou a proposta. A partir daí, Café Filho indicou em seu discurso que não via mais como sustentar a situação<sup>54</sup> e, embora fosse membro do PSP, era bastante próximo da UDN e, naquele contexto, estava muito mais alinhado à cultura política desse grupo do que das demandas trabalhistas e sociais do seu próprio partido<sup>55</sup>.

Na madrugada do dia 23 para o dia 24 de agosto, Vargas convocou uma reunião com todos os ministros para debater a situação (Café Filho não esteve presente). Havia uma apreensão muito grande no meio político, uma vez que os vários órgãos do Exército se mobilizavam e os ministros militares tentavam conter suas tropas, ao mesmo tempo em que continuavam próximos do presidente e tentavam resolver a situação<sup>56</sup>.

Além das declarações dos membros da Aeronáutica, começavam a chegar informações desencontradas, mas todas relacionadas às movimentações intensas de vários grupos (civis e militares) cada vez mais mobilizados para afastar Vargas do poder. Em suas memórias, Samuel Wainer indicou que o presidente estaria disposto a forçar um enfrentamento mais amplo entre seus seguidores e setores do Exército fiéis a ele contra os grupos que estavam forçando

---

<sup>53</sup> SKIDMORE, op. cit., p. 178.

<sup>54</sup> CAFÉ FILHO, João. *Do Sindicato ao Catete. Memórias Políticas e Confissões Humanas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1966, p. 347-348.

<sup>55</sup> BENEVIDES, op. cit., p. 89.

<sup>56</sup> FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 190.



sua saída, já que não visualizava mais nenhuma possibilidade de entendimento:

Na noite de 22 de agosto, recebi em minha casa a visita de Maneco Vargas, com um recado do pai. Cabisbaixo, abúlico, Maneco era a imagem do regime agonizante. Getúlio queria saber se eu estava disposto a lançar o jornal à frente de uma contra-ofensiva destinada a conter o golpe em marcha. Disse a Maneco que resolvera ficar com o presidente até o fim, até porque não me restava qualquer outra saída. Maneco então contou-me que naquela manhã, durante uma reunião do Ministério, Getúlio fizera uma declaração patética: “Só morto sairei do Catete.” O presidente queria saber se eu topava publicar a frase em manchete na edição do dia 23. Seria a senha para a resistência a ser desencadeada no dia 24. Concordei de imediato, embora ponderasse que uma frase tão forte poderia detonar reações violentas tanto entre os militares golpistas quanto entre a massa fiel a Getúlio. Maneco esclareceu que o objetivo era precisamente esse: forçar o confronto<sup>57</sup>.

Seguindo essa orientação, o diretor da UH publicou a capa de sua segunda edição com uma foto de Vargas e com a forte manchete, indicando que ele não deixaria o posto pelo qual fora eleito democraticamente e indicando que resistiria até o fim pelo mandato:

---

<sup>57</sup> WAINER, op. cit., p. 202-203.



Imagem 1 – Capa da segunda edição da UH, de 23/08/1954, com as movimentações em torno de Vargas e da sua manutenção do poder.

Maneco teria procurado Wainer novamente para agradecê-lo, já que a edição teria sido um sucesso, esgotando-se em poucos minutos. O filho do presidente também dissera a Wainer para esperar um novo sinal do pai, que traria uma manchete igualmente marcante para o dia seguinte. No entanto, o diretor da UH demonstrava grande desânimo e, após não receber mais mensagens do Palácio do Catete, deixara três manchetes prontas para a edição seguinte: GOLPE, RENÚNCIA ou DEPOSIÇÃO, uma vez que todas eram esperadas e poderiam tornar-

se plausíveis, dependendo do desenrolar dos acontecimentos e do enfoque dado à notícia<sup>58</sup>.

Era essa a atmosfera presente: tanto os opositores quanto os próprios aliados de Vargas davam sua saída como certa. Embora sem revelar a data, Juarez Távora indicou, em suas memórias, que fora procurado por Afonso Arinos e Júlio de Mesquita Filho, sendo interpelado se teria interesse em organizar um golpe de Estado para tirar Vargas do poder e, após demonstrar hesitação, o diretor do OESP teria perguntado se "seria suportável, por mais tempo, a situação de descalabro geral a que o Presidente Vargas estava arrastando o país"<sup>59</sup>. Além disso, o deputado udenista também indicou a Távora que Eduardo Gomes era o principal animador dessa tese, uma vez que a situação beirava o insustentável e era necessário dar um basta àquela indefinição.

Nas primeiras horas do dia 24 de agosto, os ministros continuavam reunidos com Vargas e, madrugada adentro, tentavam encontrar uma solução para a situação praticamente insustentável do presidente<sup>60</sup>. Ao fim da reunião oficial, já no meio da madrugada, ficou acertado que o presidente licenciaria-se do cargo sem, contudo, renunciar em definitivo. Após o acerto, o Ministro da Justiça, Tancredo Neves, redigiu uma nota e divulgou à imprensa, indicando a

---

<sup>58</sup> WAINER, op. cit., p.203.

<sup>59</sup> TÁVORA, Juarez. *A caminhada no altiplano*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976, volume 2, p. 239.

<sup>60</sup> DULLES, John W. F. *Getúlio Vargas: Biografia Política*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1967, p. 345.

decisão deliberada. Com curtas declarações, o texto foi publicado na UH, na edição do dia 24:

O Presidente da Republica reuniu hoje o Ministerio para o exame da situação politico-militar criada no País. Ouvidos os Ministros, cada um de per si, foram debatidos longamente os diversos aspectos da crise e as suas graves consequências. Deliberou o Presidente Getúlio Vargas, com integral solidariedade dos seus Ministros, entrar em licença, passando o Govêrno ao seu substituto legal, desde que seja mantida a ordem, respeitados os Poderes constituídos e honrados os compromissos solenemente assumidos perante a Nação pelos oficiais – generais de nossas Fôrças Armadas. Em caso contrario, persistiria inabalável no seu propósito de defender as suas prerrogativas constitucionais, com sacrificio, se necessário, da sua própria vida.<sup>61</sup>

Recolhido em seus aposentos, Vargas desejava ficar só, mas com o volume intenso de notícias, tal fato era praticamente impossível. Dentre as várias notícias que recebeu, duas delas teriam sido as mais importantes, ambas dadas por seu irmão Benjamin: a primeira de que ele próprio teria sido intimado para depor na base do Galeão e que o presidente, possivelmente, também o seria. Posteriormente, de que os oficiais revoltosos não aceitaram o pedido de licença e continuavam firmes no propósito da renúncia do mandatário. Caso contrário, haviam ameaçado uma greve, além de vários rumores de que um golpe já estava preparado para tirar o político gaúcho do poder, em definitivo<sup>62</sup>.

---

<sup>61</sup> UH, *Nota Oficial Sôbre a Crise Político-Militar*, 24/08/1954.

<sup>62</sup> DULLES, 1967, op. cit., p. 350.

Independentemente das motivações e de como tudo sucedeu, por volta das oito horas da manhã, o presidente recolheu-se em definitivo aos seus aposentos. Pouco tempo depois (há várias imprecisões em relação ao horário exato) ouviu-se um estrondo vindo da suíte presidencial. Inúmeras obras dão diferentes versões de quem chegou primeiro ao quarto, ou se o presidente teria dito algo ou apenas dado os últimos suspiros. Todas essas versões convergem para um ponto em comum: em instantes, o quarto estava cheio de pessoas e, em poucos segundos, com um tiro no peito, Getúlio Vargas estava morto.

### *A repercussão da morte de Vargas*

Um desses nomes que presenciou a morte de Vargas foi o repórter Luís Costa, que teria ligado, em prantos, à redação da UH e avisado Wainer do ocorrido. De acordo com suas memórias publicadas, o jornalista acessou as emissoras de rádio e escutou todas dando a notícia em grande destaque. Vários de seus funcionários choravam compulsivamente ou estavam desmaiados, além dos outros que estavam perplexos com a notícia<sup>63</sup>. A manchete do dia anterior ainda estava composta em chumbo para a impressão e, aproveitando os dizeres (que, naquele momento, tornaram-se proféticos), ele compôs a capa do dia com a mesma manchete e foto, acrescentando um texto pedindo a manutenção da ordem e enfatizando o “furo” dado pelo jornal na edição anterior (WAINER, 1988, p. 205). Além disso, a

---

<sup>63</sup> WAINER, op. cit., p. 205.

edição saiu já naquela manhã (pouco tempo após ele saber do fato) e a partir daí várias unidades foram compostas para dar conta da demanda, já que todos queriam informar-se mais sobre a morte do presidente:



Imagem 2 – Capa da primeira edição da UH do dia 24/08/1954, tornando-se uma das mais famosas da história da imprensa do Brasil.

O suicídio de Vargas demarcou o trágico desfecho de seu governo, não cedendo aos apelos dos opositores e de muitos de seus apoiadores para licenciar-se do poder. Além de acabar com a própria vida, o presidente deixou um envelope próximo de sua cama, com uma carta datilografada que passou a ser chamada de Carta

Testamento. Nesse documento, Getúlio fez um longo libelo contra os opositores de seu governo, indicando que forças nacionais e internacionais se juntaram para inviabilizar suas ações e que ele se lamentava muito por não ter feito mais pelo povo brasileiro<sup>64</sup>.

A leitura da carta foi um recurso repetido exaustivamente pelas emissoras de rádio, aumentando ainda mais a dramaticidade do caso, uma vez que ficava evidente que o suicídio fora premeditado, e não um rompante desesperador. Embora, posteriormente, Lacerda e a imprensa tenham questionado a autenticidade do documento, há vários indícios de que o presidente havia pensado seus principais pontos (foram encontrados, ao longo dos últimos dias, vários pequenos textos com Vargas encontrados na carta) e, após investigações, chegou-se ao jornalista José Soares Maciel Filho, que teria admitido ter datilografado a carta (mas não a escrito; a suspeita ocorrera porque era ele quem escrevia boa parte dos discursos do presidente)<sup>65</sup>.

O tom grandiloquente dos discursos manteve-se nas palavras escritas na carta, corroborando a versão bastante enfatizada, nos últimos dias, pela UH: de que o governo e, em especial, a figura do presidente, era vítima de um grande complô contra não somente a sua figura, mas contra todo o povo brasileiro, em especial os mais pobres, os desvalidos, ou seja, seus eleitores.

Desse modo, consolidava-se a figura do mito, do líder político que preferiu perder a vida a sucumbir às injustiças e às pressões

---

<sup>64</sup> D'ARAÚJO, 2011, op. cit., p. 772-773.

<sup>65</sup> SILVA, Hélio. *1954: um tiro no coração*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 283-286.

daqueles que não queriam ver seus planos em prática (sendo que o objetivo do presidente seria, dentro de sua própria narrativa, beneficiar os mais necessitados do país). Além disso, a oposição também se alimentou e deu combustão para essa criação, uma vez que, em muitos casos, o fim do governo de Vargas tornou-se a razão de ser de muitos parlamentares da UDN (e, de certa forma, do próprio partido) e de vários outros meios de divulgação (incluindo inúmeros órgãos de imprensa, como o próprio OESP). O mito emerge, assim, como aquele que esteve na política, mas que a transcendeu, estando acima das disputas no campo e, como prova, oferecendo seu corpo em holocausto:

O mito só pode ser compreendido se é intimamente vivido, mas vivê-lo impede dar-se conta dele objetivamente. Objeto de estudo, ele tende, inversamente, a imobilizar-se em uma sucessão de dados estatísticos; tende, igualmente a se esvaziar de seu conteúdo emocional, ou seja, do essencial de si mesmo<sup>66</sup>.

O impacto da morte acabou mudando o cenário político nacional, uma vez que a UDN via cada vez mais iminente a saída do presidente e próxima de exercer uma possível influência no governo, já que Café Filho havia se aproximado dos opositores por várias discordâncias com a política exercida por Vargas<sup>67</sup>. A partir daquele momento, os grupos ligados a Vargas que estavam preocupados com os últimos acontecimentos voltaram a estar no centro das atenções

---

<sup>66</sup> GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 23.

<sup>67</sup> BENEVIDES, op. cit., p. 89-90.



políticas, pois a morte do presidente causara uma extrema comoção nacional.

Não só nas oficinas da UH, mas em várias partes do Rio de Janeiro, segundo as descrições de vários contemporâneos do contexto, a população oscilava entre a perplexidade e a lamentação. Aqueles que não estavam em silêncio, choravam a morte do presidente e, dentre eles, alguns demonstravam grande estado de fúria e inconformidade. Pouco depois do anúncio da morte e da publicação e leitura (incessante) da Carta Testamento nas estações de rádio, várias agitações sociais foram registradas na capital, como a perseguição a políticos de oposição e ataques à embaixada dos EUA, além da destruição de objetos e locais relacionados aos principais jornais de oposição, principalmente do *Globo* e da *TI*<sup>68</sup>.

O único jornal de grande tiragem que teria circulado naquele dia sem ser atacado foi a *UH*. Foram três edições e, segundo Wainer, foram quase 800.000 jornais vendidos<sup>69</sup>, sendo que as rotativas teriam funcionado mais de 20 horas sem parar<sup>70</sup>.

Vários políticos e nomes ligados à oposição passaram a ser “caçados” pela capital. Carlos Lacerda precisou ser protegido para não ser linchado<sup>71</sup>, assim como vários outros nomes (principalmente os ligados à Banda, sobretudo Afonso Arinos) que, mesmo com escolta

---

<sup>68</sup> FAUSTO, op. cit., p. 191-192.

<sup>69</sup> No dia 24 foram publicadas duas edições para além da tradicional. Em todas as capas eram publicadas o número da tiragem e, nessas, os números foram os seguintes: 130.000 jornais na primeira capa (que é a publicação mais famosa, a imagem 4) e as duas outras apresentaram a contagem de 304.000. Somando esses dados, o número final seria de 738.000 diários publicados (não, necessariamente, vendidos ou lidos).

<sup>70</sup> WAINER, op. cit., p. 205.

<sup>71</sup> DULLES, 1992, op. cit., p. 190-191.

policial, correram risco de morte por conta das movimentações populares que, ainda chorando a perda de Vargas e com a grande circulação da UH e das notícias do rádio, ficavam cada vez mais infladas contra os opositores do presidente falecido.

Por ser um matutino, a edição do dia 24 de agosto do OESP não repercutiu o suicídio de Vargas, fazendo apenas uma rápida nota em relação ao seu afastamento e ao ultimato dado pelos militares ao seu governo, impondo sua renúncia<sup>72</sup>. No dia seguinte, o jornal paulista deu ampla cobertura sobre o tema, embora não o destacasse na primeira página, dividindo o espaço, inclusive, com inúmeros comentários sobre a política em geral, principalmente com as perspectivas de um novo governo:

Não estava na previsão de quem quer que seja, nem seria desejado pelos homens de sentimentos cristãos o trágico desfecho que teve a crise político-militar oriunda do crime da Rua Toneleros. Na manhã de ontem, o sr. presidente da Republica pôs termo á existencia com um tiro no coração. Quando s. exa.vivia não poupamos criticas severas aos seus atos e ás suas palavras que nos pareciam condenaveis. Agora que está morto só nos resta descobrir-nos diante da sepultura em que jaz o seu corpo<sup>73</sup>.

Embora tenha destacado o traslado do corpo de Vargas para São Borja, a cobertura do jornal paulista manteve o tom extremamente crítico ao destacar e condenar, veementemente, os ataques de populares a vários órgãos no Rio de Janeiro e em Porto Alegre,

---

<sup>72</sup> OESP, *O MOMENTO POLITICO*, 24/08/1954.

<sup>73</sup> OESP, *Desfecho trágico*, 25/08/1954.

indicando que em São Paulo ocorrera poucos casos até então<sup>74</sup>. Também houve ampla cobertura (praticamente inexistente em UH) para o início do novo governo, uma vez que Café Filho tomara posse no mesmo dia e, aos poucos, os primeiros nomes para o ministério já apareciam, além de inúmeras especulações sobre os possíveis postulantes aos cargos<sup>75</sup>. As análises da publicação, nos dias seguintes, continuaram mais voltadas à formação do novo governo do que à morte de Vargas, relatando os desafios que Café Filho teria frente às problemáticas pelas quais o país passava naquele momento.

As edições subsequentes da UH, ao contrário do OESP, continuaram a explorar, com grande intensidade, a morte de Vargas. Ao contrário do que o jornal paulista colocou em suas páginas na edição do dia 25, o diário carioca indicou que existiram várias manifestações em São Paulo a favor de Vargas e lamentando sua morte, com inúmeras fotos de trabalhadores paulistas repercutindo o trágico acontecimento.

A Carta Testamento, que desde o suicídio passou a ser tema de inúmeras controvérsias, continuou a ser explorada de maneira intensa. Nessa mesma edição, a equipe da UH passou a intercalar, em algumas páginas, trechos do documento com imagens da população e de acontecimentos recentes no país, fazendo um interessante paralelo entre esses fatores. Publicando ainda essas montagens durante vários dias, a comparação criou grande impacto, uma vez que os dizeres do

---

<sup>74</sup> OESP, *Manifestações de rua na Capital do País*, 25/08/1954.

<sup>75</sup> OESP, *O MOMENTO POLITICO*, 25/08/1954.

documento já estavam carregados de emotividade, aliados a imagens em um diálogo bastante intenso entre ambos.

Nessa mesma edição, foi publicado um texto intitulado *Adeus*, com um perfil praticamente hagiográfico sobre o presidente morto. Nesse espaço (embora nas outras páginas escritas tal aspecto já era bastante óbvio) ficou grafada, de fato, a forma como a UH descrevia o político para seus leitores, enfatizando ainda mais suas características positivas perante a crise política e pelo trágico desaparecimento de Getúlio:

Tombou o maior líder popular que nossa história jamais conheceu. Encerrou-se a vida do único homem ao qual nossos destinos foram por três vêzes consecutivas confiados (...) As agruras de um momento crucial não lhe tolheram o raciocínio, não o entibiaram, não o levaram a trair a confiança que lhe outorgaram milhões de brasileiros. Nem mesmo o ódio encontrou guarida em seu espírito, acrisolado pelo sofrimento. Acima das paixões, sereno, sabendo que os homens valem pouco, o que importa são os princípios que encarnam, teve humildade cristã de perdoar, e os sentimento de brasilidade, a preocupação de transmitir uma derradeira mensagem de amor aos pequeninos, de apontar rumos a todos que amam a Pátria e querem vê-la livre de exóticas influências, indicando caminhos a seguir, aqueles mesmos que sempre percorrera (...) Curvemo-nos reverentes ante o ataúde dêsse Chefe de Estado que mesmo depois de morto mobiliza, para uma última homenagem, a massa humana que desfila ante seu cadáver (...) <sup>76</sup>.

Já o jornal paulista não escreveu mais nenhum editorial falando diretamente de Vargas. O único texto publicado, com um perfil mais “isento” pelo OESP, fora uma nota biográfica sobre Vargas, na última

---

<sup>76</sup> UH, *Adeus*, 25/08/1954.

página do dia 25 de agosto, indicando seus dados desde os estudos até a vitória eleitoral de 1950, limitando-se a organizar as informações sem fazer nenhum tipo de análise<sup>77</sup>. Porém, vários comentaristas do jornal paulista (sobretudo Rafael Corrêa de Oliveira e Mário Pinto Serva) publicaram textos tecendo um perfil bastante negativo do ex-presidente e várias outras pequenas notas criticaram o legado do governo, indicando que as consequências para o Brasil seriam gravíssimas nos próximos anos.

### ***Considerações Finais***

Em linhas gerais, o mês de agosto encerrou-se com o início do governo Café Filho e com um impasse, uma vez que os principais partidos ainda se mobilizavam para compor ou ser oposição ao governo. Ainda sob o espectro de Vargas, a política brasileira procurava estruturar-se e a imprensa acompanhava o caso, em dois polos bastante distintos: OESP e os principais meios de comunicação da época elogiando as novas medidas e o início das ações do político potiguar, enquanto que a UH e alguns outros pequenos jornais da capital estruturavam já uma oposição ao novo presidente e aos grupos que se movimentaram contra o líder morto. Embora a trajetória do político gaúcho chegasse ao fim, o cenário político e midiático demonstrava que sua influência estaria, ainda, longe de acabar.

Os dias após a morte do ex-presidente indicavam uma conjuntura de procura pela estabilidade, mas que ainda estava sob os

---

<sup>77</sup> OESP, *Dados biográficos do sr. Getúlio Vargas*, 25/08/1954.

escombros políticos das últimas ocorrências. O mês de setembro, em ambas as publicações, foi permeado por dois assuntos: a eleição que seria realizada no início de outubro e a investigação do atentado da Rua Toneleros. Além disso, demarcou também a inversão das posições dos dois jornais no campo político, adotando as posturas nas quais seus textos tanto condenaram anteriormente: OESP alinhou seus editoriais e cobertura com um aspecto bastante positivo (e, em alguns momentos, até laudatório) do governo Café Filho, enquanto que UH aumentava cada vez mais o tom contra o novo presidente, uma vez que ele se cercara por vários membros de grupos “inimigos” de Vargas e esboçava um mandato contra as demandas pelas quais o antigo presidente tinha entregado sua própria vida. Ou seja: tais pontos são bastante indicativos, demonstrando que a relação entre jornalismo e política continuaria muito intensa:

Ainda que os agentes comprometidos com o campo jornalístico e com o campo político estejam em uma relação de concorrência e de luta permanentes e que o campo jornalístico esteja, de certa maneira, englobado no campo político, em cujo interior exerce efeitos muito poderosos, esses dois campos têm em comum estarem muito direta e muito estreitamente situados sob a influência da sanção do mercado e do plebiscito. Daí decorre que a influência do campo jornalístico reforça as tendências dos agentes comprometidos com o campo político a submeter-se à pressão das expectativas e das exigências da maioria, por vezes passionais e irrefletidas, e freqüentemente constituídas como reivindicações mobilizadoras pela expressão que recebem na imprensa<sup>78</sup>.

---

<sup>78</sup> BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, p. 114-115.

## Referências

### *Fontes*

BRASIL. Constituição (1946). *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil*. Disponível em: [www.planalto.gov.br]

Jornal *A Tribuna da Imprensa*. Edições de 1954.

Jornal *A Última Hora*. Edições de 1954.

Jornal *O Estado de São Paulo*. Edições de 1954.

### *Bibliografia*

ABREU, Alzira Alves de (org.). *Imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BENEVIDES, Maria V. *A UDN e o udenismo: Ambiguidades do liberalismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

BOURDIEU, Pierre. *O campo político*. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 5. Brasília, janeiro-julho de 2011, pp. 193-216.

\_\_\_\_\_. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

CAFÉ FILHO, João. *Do Sindicato ao Catete. Memórias Políticas e Confissões Humanas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1966, 2 v.

D'ARAÚJO, Maria C. S. (org). *Getúlio Vargas*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011 (Série perfis parlamentares; n. 62).

\_\_\_\_\_. *O segundo governo Vargas 1951-1954: democracia, partidos e crise política*. 2º ed. São Paulo: Ática, 1992 (Série Fundamentos; 90).

DULLES, John W. F. *Carlos Lacerda: a vida de um lutador*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

\_\_\_\_\_. *Getúlio Vargas: Biografia Política*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1967.

FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LACERDA, Carlos. *Depoimento*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1978.

MENDONÇA, Marina G. *O demolidor de presidentes*. 2ºed. São Paulo: Códex, 2002.

MOURA, Nero. *Um vôo na história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

SALONE, Roberto. *Irredutivelmente liberal: política e cultura na trajetória de Júlio de Mesquita Filho*. Rio de Janeiro: Albatroz Editora, 2009.

SILVA, Hélio. *1954: um tiro no coração*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

SINTONI, Evaldo. *Em busca do inimigo perdido: construção da democracia e imaginário militar no Brasil (1930-1964)*. Araraquara: FCL/Laboratório Editorial/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 1999 (Coleção Ciências Sociais).

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930 a 1964)*. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.



TÁVORA, Juarez. *A caminhada no altiplano*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976, volume 2.

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. Rio de Janeiro: Record, 1988.

ZENHA MACHADO, Francisco. *OS ÚLTIMOS DIAS DO GOVÊRNO VARGAS (A CRISE POLÍTICA DE AGÔSTO DE 1954)*. Rio de Janeiro: Editora Lux, 1955.